

Mulford quer solução rápida

MERCANTIL

ACERTO EXTERNO

Mulford quer solução...

por Cláudia Safatle
de Brasília

(Continuação da 1ª página)
com o governo, a renegociação da dívida externa brasileira foi um dos temas mais destacados.

"Estamos seguindo de perto as negociações com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e vamos seguir também de perto as negociações com o Clube de Paris e com os bancos comerciais privados", disse o subsecretário, em entrevista na calçada em frente ao Ministério da Economia, após encontro com Zélia Cardoso de Mello. "As conversas foram amistosas e construtivas e vamos manter um estreito contato nas próximas semanas", acrescentou Mulford, que estava acompanhado do embaixador dos EUA, Richard Melton.

Segundo relato do porta-voz do Ministério da Economia, Marcos Caramuru, além de mencionar a questão dos juros atrasados aos bancos privados, que concordou ter que ser tratada no bojo de uma negociação global que busque uma solução definitiva para a dívida externa brasileira, Mulford fez algumas perguntas à ministra da Economia. Uma delas foi: quando o governo brasileiro inicia a negociação propriamente dita com os bancos comerciais e qual a posição do governo brasileiro quanto ao comitê assessor dos bancos, no momento em que as negociações forem iniciadas?

AJUSTES INTERNOS

Conforme Caramuru, que estava presente ao encontro, a resposta da ministra foi: primeiro, que o governo Collor de Mello pretendeu avançar nos ajustes internos, antes de começar a negociação externa; disse que o governo não quer firmar compromissos que não possam ser cumpridos, como ocorreu no passado; o governo brasileiro busca soluções definitivas; que quer concluir um acordo com o Fundo Monetário Internacional tendo como premissa que o programa de estabilização do governo Collor de Mello é um bom programa; que o enfoque da negociação externa é dar tratamentos distintos para distintas instituições.

Quanto ao papel do comitê assessor dos bancos credores — até agora tido como o fórum principal do acordo externo — "nunca nos negamos a tratar com o comitê. Na verdade, convidamos os bancos credores, individualmente, para virem a Brasília para consul-



David Mulford

tas, mas nunca descartamos tratar com o comitê", transmitiu o porta-voz, com base nas anotações que fez sobre as palavras da ministra da Economia.

Mulford assinalou que o Plano Brady para a negociação da dívida externa dos países endividados seria um instrumento útil para ser usado no acordo brasileiro, no contexto da Iniciativa Bush para as Américas, que atribui um papel bastante importante ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Disse, ainda, que o governo norte-americano gostaria de contar com maiores avanços nessa direção e com a concordância dos países sócios do BID nesse projeto.

A ministra da Economia acentuou que não deseja que a negociação da dívida externa venha interferir negativamente no relacionamento com os governos dos países credores, mesmo porque pretende manter um "novo padrão de relacionamento com esses governos, principalmente com os EUA".

No encontro com Zélia Cardoso de Mello, estavam presentes, pelo lado brasileiro, o chefe do departamento de assuntos internacionais, Clodoaldo Huguene, e o chefe de gabinete da ministra, Sérgio Nascimento. Do lado norte-americano, além do embaixador dos EUA no Brasil, estavam mais dois assessores da embaixada.

RODADA URUGUAI

No relato feito por fontes qualificadas, além de colocar ênfase na questão dos juros atrasados, que estaria deixando os bancos credores numa situação crítica, Mulford teria dito ainda que tinha plena consciência de duas questões embutidas no acordo externo: primeiro, que os juros atrasados desde junho de 1989 seriam contemplados no acordo; e, também, que os bancos credores privados não poderiam inviabilizar o

Observando a negociação

por Claudio Kuck
de Brasília

O subsecretário do Tesouro dos Estados Unidos, David Mulford, no encontro de uma hora que teve ontem com o chanceler Francisco Rezek, disse que seu principal interesse nessa viagem é recolher informações sobre a renegociação da dívida externa brasileira. Ele também ressaltou que é "positiva" a percepção do governo norte-americano em relação à política de abertura da economia do Brasil, de acordo com o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores, José Vicente Pimentel.

A visita de Mulford deixou uma impressão de otimismo no Itamaraty, sendo lembrado que o departamento do Tesouro teve papel importante na renegociação da dívida externa mexicana, apesar da complexidade do sistema bancário norte-americano. Assim, espera-se que o subsecretário possa influir de maneira favorável na renegociação brasileira, contribuindo para "amenizar os proble-

mas de comunicação ainda existentes entre a área econômica do Brasil e os credores privados".

Numa conversa que girou mais por temas genéricos e políticos, Rezek ainda colocou a possibilidade de uma visita conjunta dele com o chanceler argentino, Domingo Cavallo, a Washington, para se discutir um detalhamento maior da iniciativa do presidente George Bush em relação à América Latina. Mulford, que hoje segue para Buenos Aires, deve ser o intermediário do pedido junto à Casa Branca.

Também foi discutido no encontro a próxima Rodada Uruguai, em dezembro, do Acordo Geral de Comércio e Tarifas (GATT), salientando-se que as posições do Brasil e Estados Unidos convergem no setor agrícola, assim como em relação ao sistema de subsídio utilizado na Comunidade Econômica Europeia. Os dois ressaltaram que "poderá haver um novo desenho" depois da Rodada Uruguai, nas relações comerciais internacionais.

acordo com o FMI. Uma coisa está estreitamente ligada à outra, na medida em que o acordo com o Fundo pressuporia, nas metas fiscais e monetárias, restrições ao pagamento do serviço da dívida externa.

Tanto esse tema quanto o desejo do governo norte-americano de ter a adesão do governo brasileiro em pontos importantes da negociação da Rodada Uruguai — seja na questão da propriedade intelectual, seja na remoção da cláusula do GATT que permite medidas protecionistas, se justificadas em restrições de balanço de pagamentos — foram os assuntos básicos do almoço que o presidente do Banco Central ofereceu ao subsecretário do Tesouro dos EUA, ontem. Nesse almoço compareceram o secretário de Planejamento, Marcos Gianetti da Fonseca, o diretor da Área Externa do Banco Central, Antonio Claudio Sochaczewski, o secretário executivo do Ministério da Economia, Eduardo Teixeira, o chefe do Departamento Econômico do Itamaraty, embaixador Celso Amorim, o assessor econômico do presidente Collor de Mello, Celso Marcos de

Souza, além de Huguene, Kandir e Dauster.

Em todos os encontros, a questão do conflito no golfo Pérsico foi abordada e a preocupação do governo norte-americano, assinalada por Mulford, seria de evitar que o aprofundamento da crise acabe gerando uma recessão mundial.

MERCADO COMUM

Hoje o subsecretário do Tesouro norte-americano reúne-se, mais uma vez, com assessores governamentais pela manhã e, por volta de meio-dia, segue para Buenos Aires. De lá, Mulford ainda percorrerá outras capitais, como Montevideu e Santiago. Ele já esteve em Honduras, El Salvador, Equador e Venezuela.

O chanceler brasileiro, Rezek, durante o encontro com Mulford, mencionou a possibilidade de ir, juntamente com o chanceler argentino, Domingo Cavallo, a Washington, em setembro, para discutir com o governo norte-americano a construção de um mercado comum para as Américas. Mulford, indagado sobre essa visita, disse que ela não estaria sendo considerada, no momento.

(Continua na página 25)